

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

HISTÓRIA DA ARTE



HISTÓRIA DA ARTE II

O RENASCIMENTO
Parte I

O homem Vitruviano , Leonardo da Vinci, séc. XV

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

Considerações sobre a História e Renascimento

Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam deve-se fazer algumas considerações a este respeito. Neste caso, em especial, a História.

Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação que explora o conhecimento sobre a humanidade no tempo e no espaço.

Portanto, todas as manifestações humanas capazes de serem tomadas como “fontes”, ou seja, testemunhos de ocorrências humanas em quaisquer períodos, podem se tornar objetos de estudo seja da história propriamente dita ou de suas auxiliares como a arqueologia, sociologia, antropologia e demais “logias” com as quais ela dialoga e convive.

Contudo, a História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas sim a tentativa de conhecer seus sentidos e significados. Assim uma manifestação artística não é menos importante do que outras como as científicas ou filosóficas, todas contribuem para ampliar a capacidade de conhecimento sobre o ser humano e o mundo que o cerca.

Tudo aquilo que se diferencia da Natureza é Cultura, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais realizadas ao longo do tempo dizem respeito ao conhecimento como um todo. Tudo é capaz de produzir sentido.

Assim a abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às manifestações de caráter estético que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo. Em nosso caso, as manifestações de caráter estético e visuais reconhecidas por meio dos Estilos ou Escolas de cada período.

As manifestações visuais além das grafias, incisões, desenhos, pinturas, esculturas incluem também os monumentos constituídos desde as paredes das cavernas passando pelos aparatos megalíticos, os túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências e demais ocorrências que serviram de apoio ou suporte para interações visuais que ocorreram ao longo do tempo.

Outra questão relevante é o hábito de marcar um percurso para trabalharmos em torno da história. Neste caso o percurso recorrente é o temporal, ou cronológico. Para isto são delimitados marcos por meio de acontecimentos relevantes num dado local ou período tomando-os como pontos de reflexão de teorias, conceitos, leituras e interpretações. Assim e define o que comumente se chama de Linha do Tempo.

A historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” introduzida no século XIX proposta por Augusto Comte, é que orientou boa parte dos estudos científicos a partir dali e é o que usamos como referência para organizar nosso percurso de leitura com foco na História da Arte. Assim temos diferentes períodos: Pré-histórico, Antiguidade, Medieval, Modernos e Contemporâneo.

O hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como Pré-históricas se justifica pelo fato de considerar que o marco inicial da História seria o surgimento da Escrita que garantiria a existência de documentos relatando as ocorrências humanas, servido assim de *fontes primárias* para os estudos da história.

O interesse pelos vestígios materiais de antigas civilizações foi reforçado e expandido a partir dos séculos XV e XVI, no chamado Renascimento Italiano período no qual muitas coleções de objetos do passado passaram a ser valorizadas. Entretanto o grande marco da pesquisa sobre o passado veio da iniciativa de Napoleão Bonaparte, quando de sua atuação no Egito, a partir de 1789.

Os pesquisadores franceses, em torno de 175 pessoas, publicaram em 1809 o livro ilustrado “Descrição do Egito”, no qual relatavam os conhecimentos obtidos por meio de suas pesquisas. Mas apenas em 1822 é que Jean-François Champollion consegue decifrar os hieróglifos egípcios contidos na Pedra de Roseta.

Portanto, a descoberta de documentos escritos inaugura a primeira fase da História propriamente dita, considerada então como História Antiga, ou Antiguidade e se torna então o segundo estágio dos conhecimentos sobre a cronologia humana, sendo a Pré-história o primeiro. A terceira fase passa a ser a Medieval, a quarta a Moderna e o foco desta disciplina: o Renascimento.

Segundo Edward Mcnall Burns a Renascença é a culminação de uma série de transformações que estavam em curso desde o século XI e só perceptíveis historicamente a partir do século XIV, considerado como o primeiro século do Renascimento.

A grande diferença é a valorização do humano em contraposição ao divino: o Humanismo.

Se a Idade Média tomava como medida o divino como responsável por todas as glórias e vicissitudes humanas, o Renascimento vai valorizar as conquistas humanas, especialmente aquelas relacionadas às invenções e descobertas como diretrizes de seus comportamentos e condutas. Ao contrário da Escolástica medieval, a lógica se sobrepõe à crença.

A influência do Aristotelismo, via as Universidades e os pensadores cristãos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. A valorização do Direito Romano como referência para as relações sociais. A expansão do comércio internacional e dos grandes comerciantes como os Medici, Sforza, entre outros, que investiram na arte e nas ciências vão constituir as referências deste período.

Embora a religião católica fosse ainda poderosa, as Cruzadas, uma guerra cristã iniciada contra os Turcos Muçulmanos na tentativa de retomar Jerusalém ainda peduram e se tornam um problema econômico e social.

Outro fator importante foi a invenção da imprensa de tipos móveis por Gutemberg em 1454, que passa a estimular a alfabetização e, mais tarde, o conhecimento.

Todas estas questões se configuram como fatores que, de um modo ou de outro, acabaram por influenciar mudanças de postura intelectual e possibilitaram o surgimento de valores inspirados na tradição greco-romana, por isso, chamado de Renascimento que influenciou toda a cultura ocidental a partir das colônias européias, entre elas o Brasil, na época, recém descoberto.

O Renascimento tem como matriz várias cidades estados originárias do antigo Império Romano. Cidades como os portos de Veneza, Nápoles, Gênova e Pisa e também das cidades de Florença, Bolonha, Milão e outras que intermediavam comércio com o oriente iniciando o processo econômico chamado de Mercantilismo.

O fato do comércio passar pelas regiões que, mais tarde se tornarão Itália, as faz mais forte economicamente possibilitando a elas subvencionar o desenvolvimento da Ciência e da Arte.

A disputa pelo poder entre estas cidades também se revela por meio da monumentalidade, da Arte e da Cultura.

Os líderes políticos, guerreiros, religiosos e mercantis não poupam investimento para manifestar seu poder por meio do investimento em obras.

O comportamento dos poderosos é relatado por Nicolau Machiavel (1469-1527) em seu livro O Príncipe, um dos primeiros marcos da ciência política, no qual descreve o comportamento dos detentores do poder.

Embora não unificada a Itália gesta o que se tornou o Renascimento tomando por referência a produção intelectual, científica e artística de humanistas como Petrarca, Bocaccio, Boticelli, Rafael, Michelangelo, Donatello, Leonardo da Vinci e Nicolau Copérnico que revigorou a teoria Heliocêntrica.

A teoria Heliocêntrica se opunha à geocêntrica defendida pela igreja por isso só anos mais tarde que outro cientista, Galileu Galilei, (1564-1642), comprova tal teoria, recebendo contra si a ira do estado católico.

Aos poucos o domínio do catolicismo é reduzido, a Reforma Protestante de Martinho Lutero, (1483-1546), é um duro golpe para a igreja.

A Reforma Protestante na Alemanha gera, mais tarde, a Reforma Católica ou Contra-reforma. A igreja católica ainda se mantém no centro do poder sendo uma das forças políticas poderosas na Idade Moderna, portanto, muito do que se fazia refletia nela ou era deflagrado por ela.

O termo Renascimento foi usado por Giorgio Vasari, (1511-1574) no século XVI, mas só passa a ser entendido contemporaneamente a partir da obra de Jacob Burckhardt, “A Cultura do Renascimento na Itália”, publicado em 1867, no qual diz que é o período da descoberta do mundo e do homem.

A ideia de *Humanismo* se baseia em valores ecléticos como o Hedonismo, o Antropocentrismo, Racionalismo, Nacionalismo, Otimismo e o Individualismo tomando a liberdade de pensamento e as conquistas da ciência. As Grandes Descobertas e Invenções vão consolidar os valores humanos.

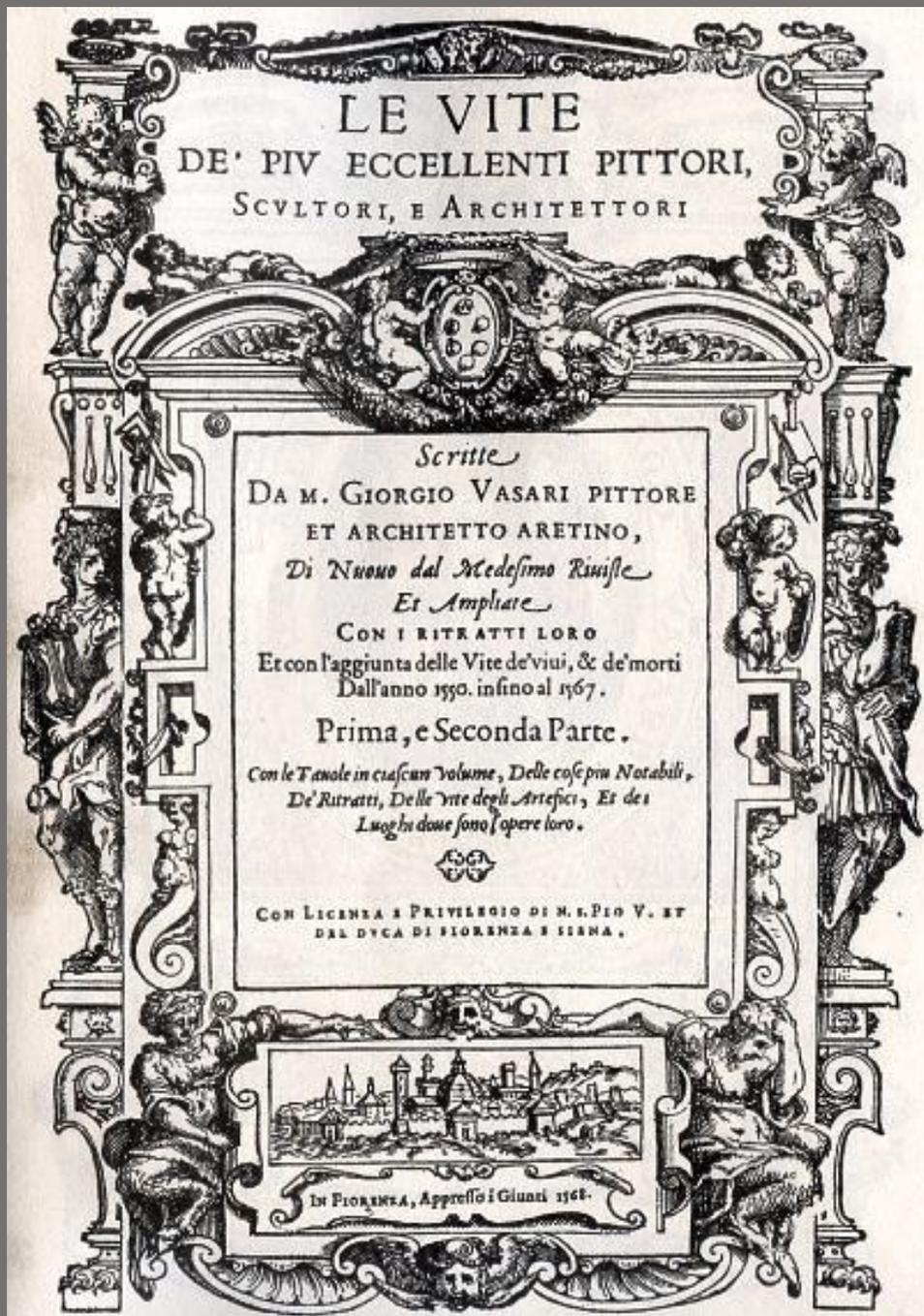
Os estudos sobre o Renascimento são ordenados em, pelo menos, quatro fases:

O Trecento (os anos 1300, correspondente ao século XIV),

O Quattrocento (os anos 1400, correspondente ao século XV).

O Alto Renascimento, entre o final do Quattrocento e início do Cinquecento.

O Cinquecento (Os anos 1500, século XVI).



A obra de Giorgio Vasari: A vida dos excelentes pintores, escultores e arquitetos, publicado em 1550, trata da vida dos artistas do Renascimento Italiano, como marco e propósito de valorizar a tradição cultural Clássica Romana ou Greco-Romana, tomando por referência sua cidade natal: Florença.

A importância de Vasari foi a de organizar a pesquisa histórica a partir das obras de vários arquitetos e artistas cobrindo um período de três séculos, inaugurando assim a História da Arte.

O “Il Libro del’arte” de Cennino d’Andrea Cenini e o “De la Pittura” de Leon Batista Alberti, embora publicados anteriormente, são normativos, tratam de técnicas e não do percurso histórico.

Foi Vasari quem concebeu a ideia de Renascimento e responsável por recortarmos este período como um dos mais importantes no contexto da História da Arte. Este período ampliou o alcance estético da arte, inclusive, sistematizando o processo de criação e aprendizagem por meio da criação das Academias.

Os estudos sobre o Renascimento vão seguir as divisões tradicionais.

O Trecento

O Trecento pode ser tomado como um pré-Renascimento ou Gótico tardio, na medida em que os conceitos que caracterizam o Renascimento ainda não estão plenamente definidos no século XIV. Mas é especialmente na Toscana, em Florença e Siena que os novos valores vão encontrar um terreno fértil para o seu desenvolvimento, com a ascensão da Burguesia ao poder.

Tais valores incluem a livre iniciativa, o livre comércio, a expansão bancária e econômica voltada para os negócios e não apenas para a subsistência típicas do mundo Feudal. Neste aspecto é a abertura do caminho para o Mercantilismo e o Capitalismo atual. Portanto é o afastamento definitivo da Idade Média para a Idade Moderna.

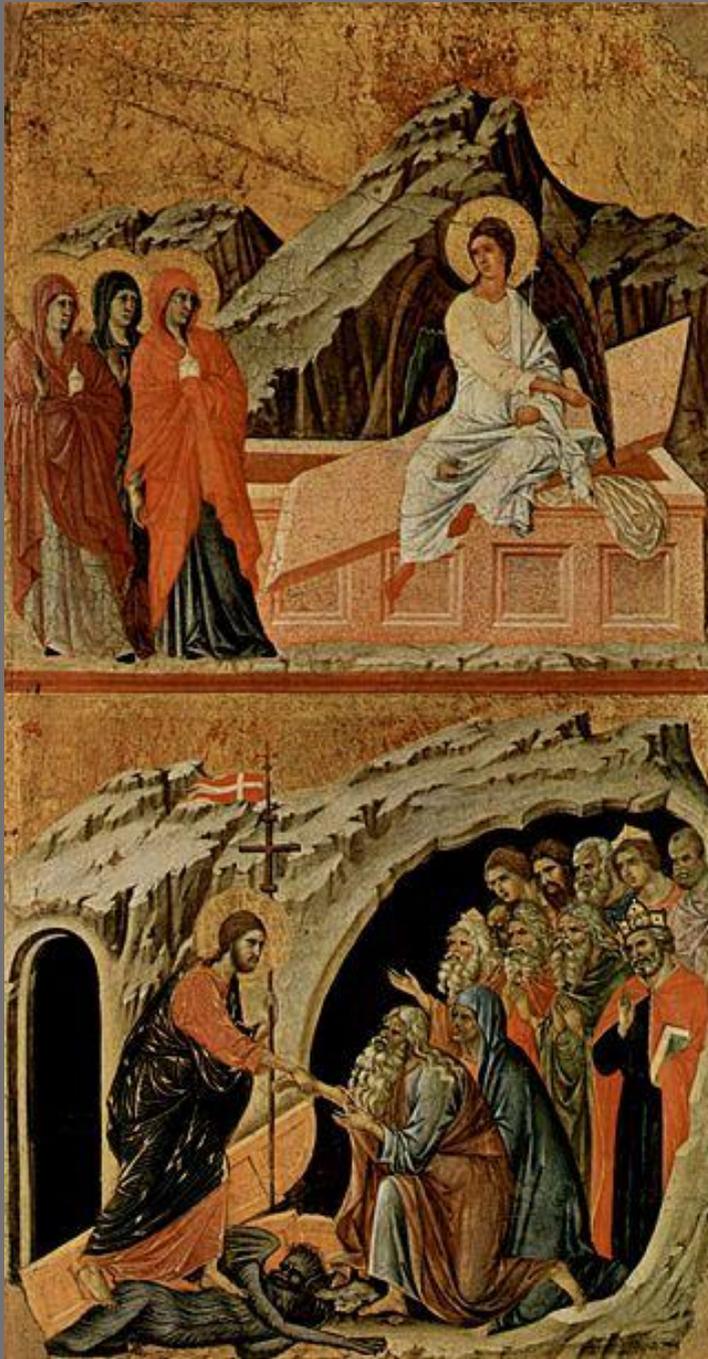
Neste contexto os artistas deixaram de depender exclusivamente do poder da igreja e passaram a atender também aos interesses da burguesia. Grandes banqueiros como Bardi e Peruzzi, e comerciantes como os Medici passaram a dominar suas cidades e, ao assumirem o poder, se revestiram de nobreza.

A ascensão da burguesia criou um campo fértil para o desenvolvimento dos serviços especializados, principalmente, da Arte. Arquitetos, escultores, pintores e artesãos conheceram uma fase de crescimento e glória de repercussão cuja repercussão é sem precedentes na história.

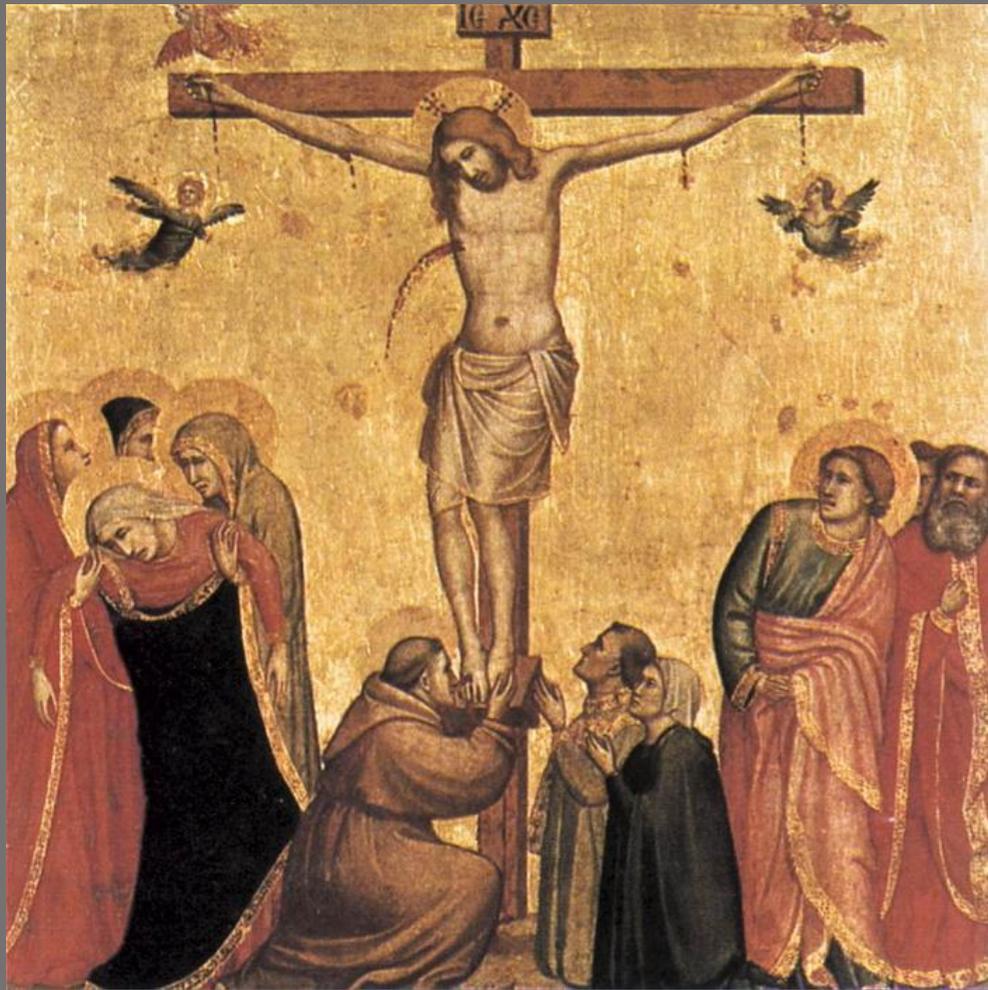
Em fins da Idade Média já haviam artistas como Cimabue, Duccio e Giotto que, embora bastante vinculados ao gótico, já apontavam novas posturas estéticas, influenciavam seus contemporâneos e eram influenciados por eles.



Cimabue,
Majestade com
S. Francisco,
1278-80



Duccio, (detalhe/verso),
Maestá, 1308-11.



Giotto, Crucificação, 1320,
Pinacoteca de Munique.



Giotto, Capela Arena, Pádua
1303-5,



Giotto, Capela Arena, Pádua
1303-5,



Giotto, Capela Arena, Pádua
1303-5,



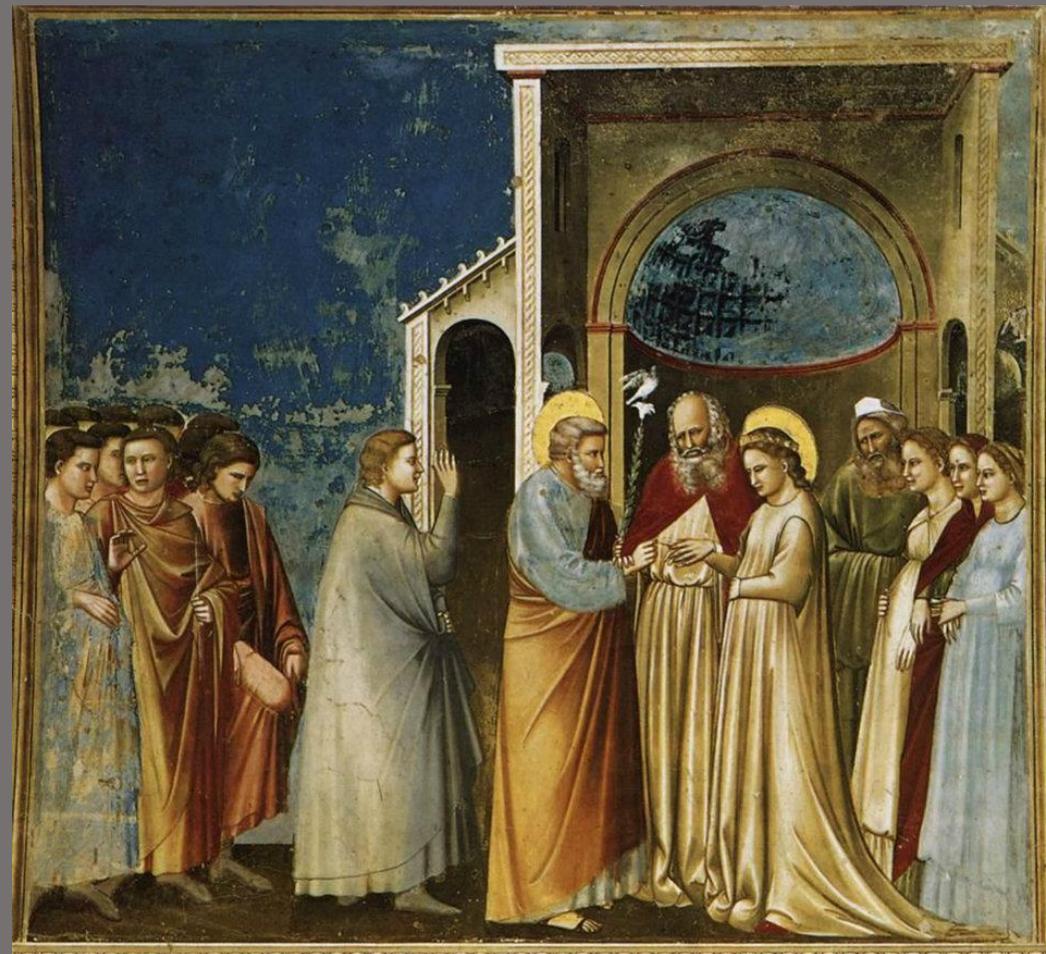
Giotto, Capela Arena, Pádua
1303-5,



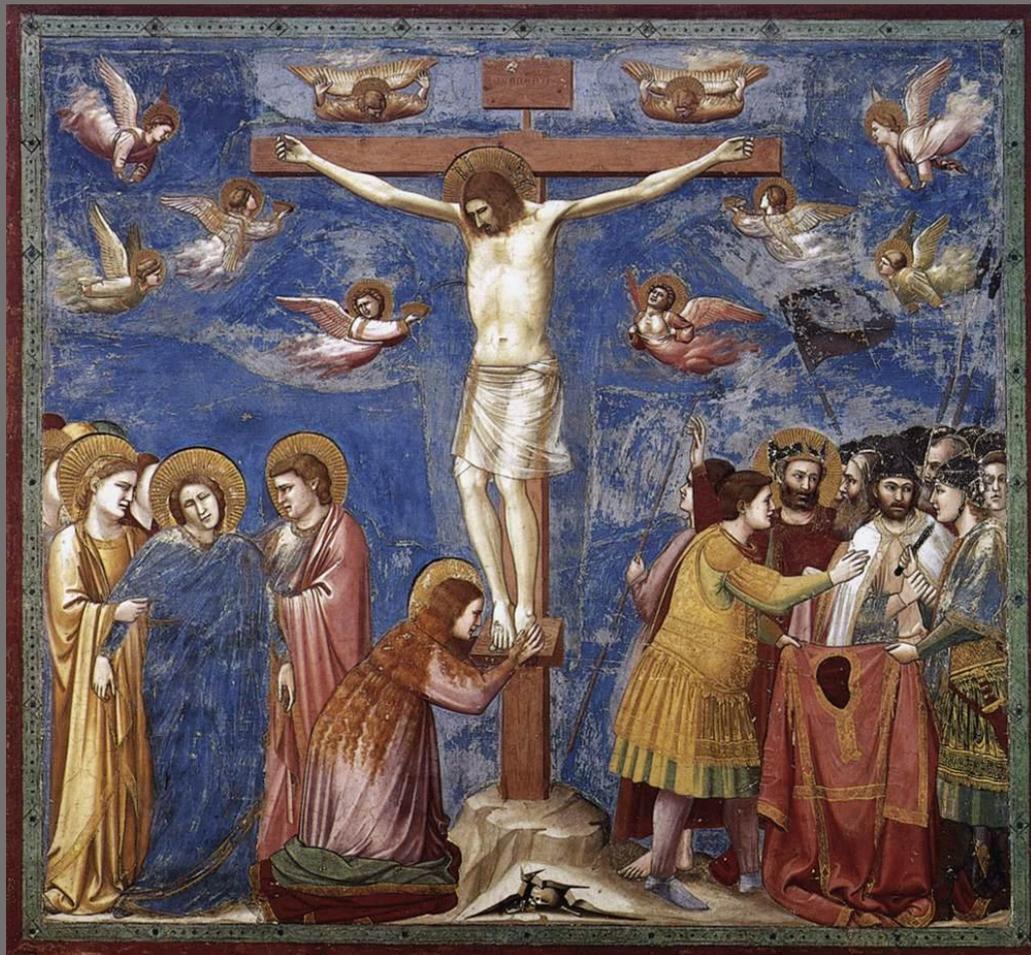
Giotto, Capela Arena, Pádua
1303-5,



Giotto, Capela Arena, Pádua
1303-5,

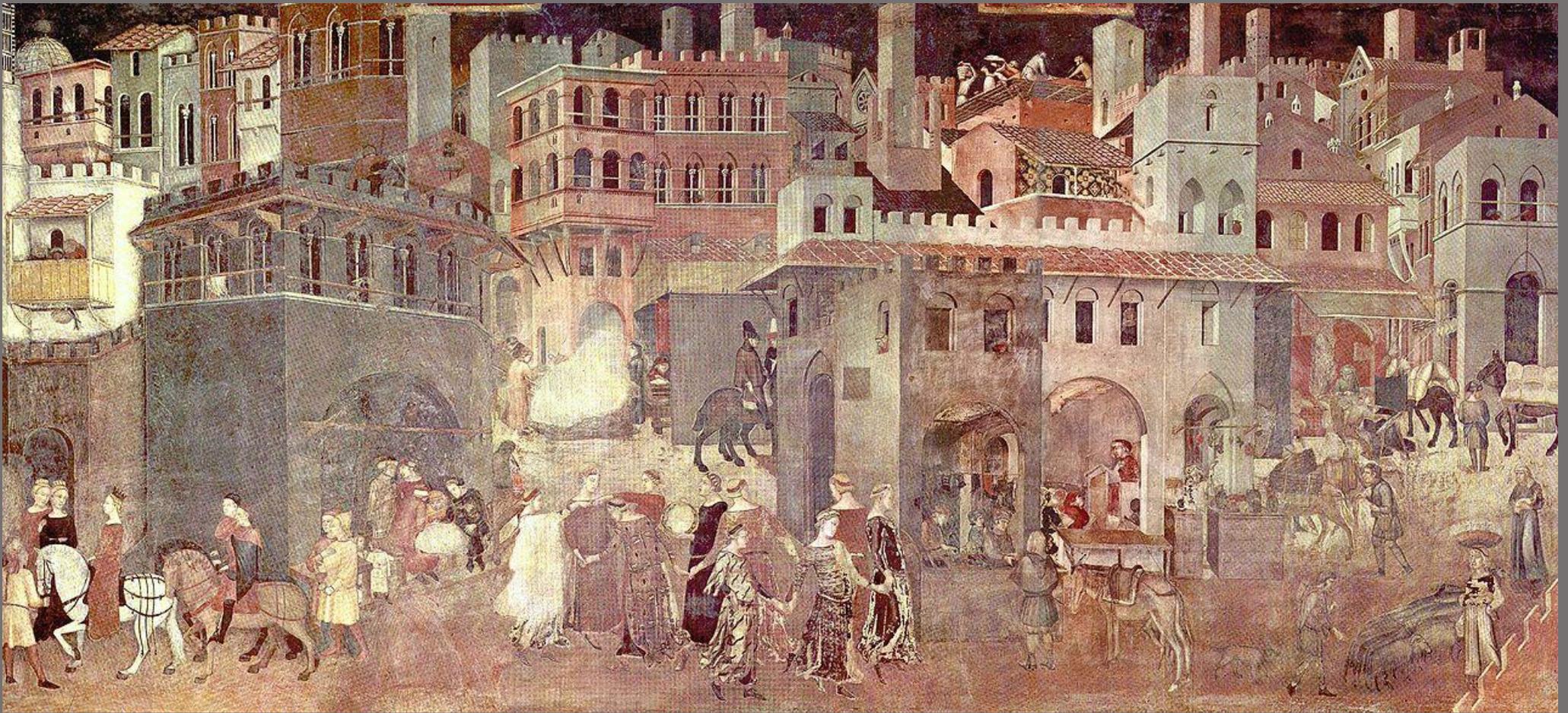


Giotto, Capela Arena ou Scrovegni, Pádua 1303-5,



Giotto, Capela Arena ou Scrovegni, Pádua 1303-5,

Tomando a Região da Toscana, como referência vamos encontrar artistas como Ambrogio Lorenzetti (1290-1348) e Simone Martini (1284-1344) que ainda manifestam características góticas, até por influência de Cimabue, Duccio e Giotto, que atuaram na mesma região, inclusive, como mestres de outros artistas.



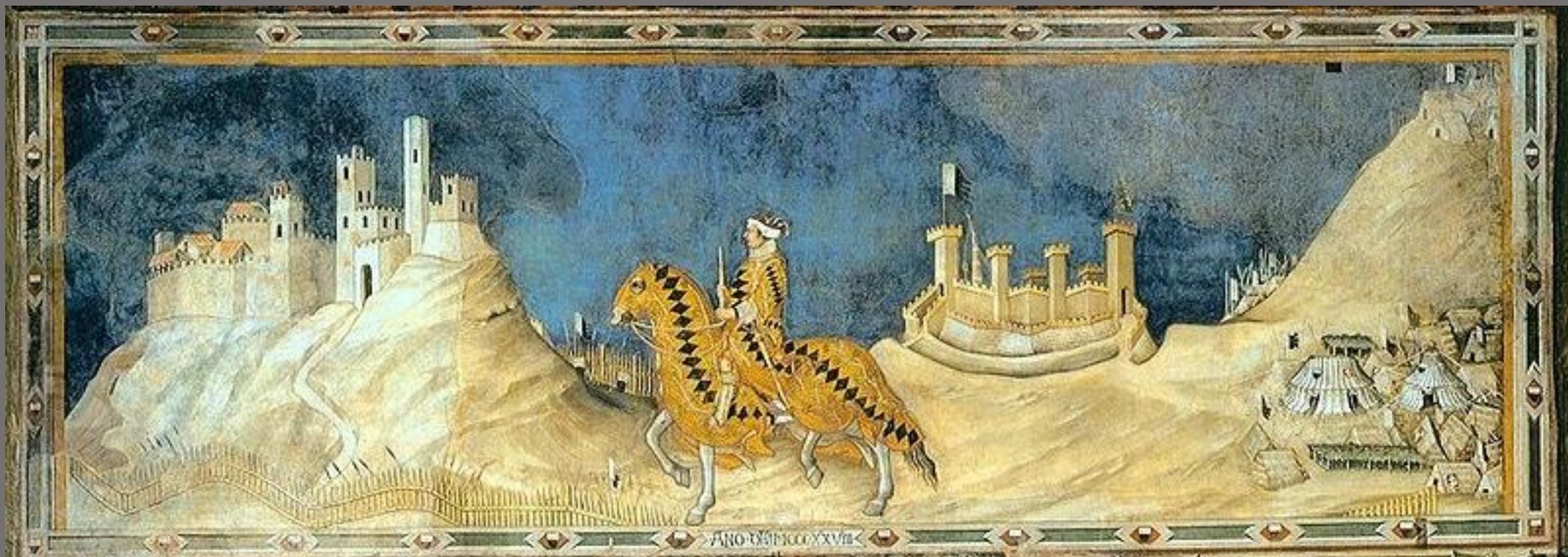
Ambrogio Lorenzetti,
Alegoria do Bom Governo,
1328, Palácio Público de
Siena.



Ambrogio Lorenzetti, A legoria do Mau Governo, 1338-40, Palácio Público de Siena.



Ambrogio Lorenzetti, Alegoria do Bom Governo, 1338-40 Palácio Público de Siena.



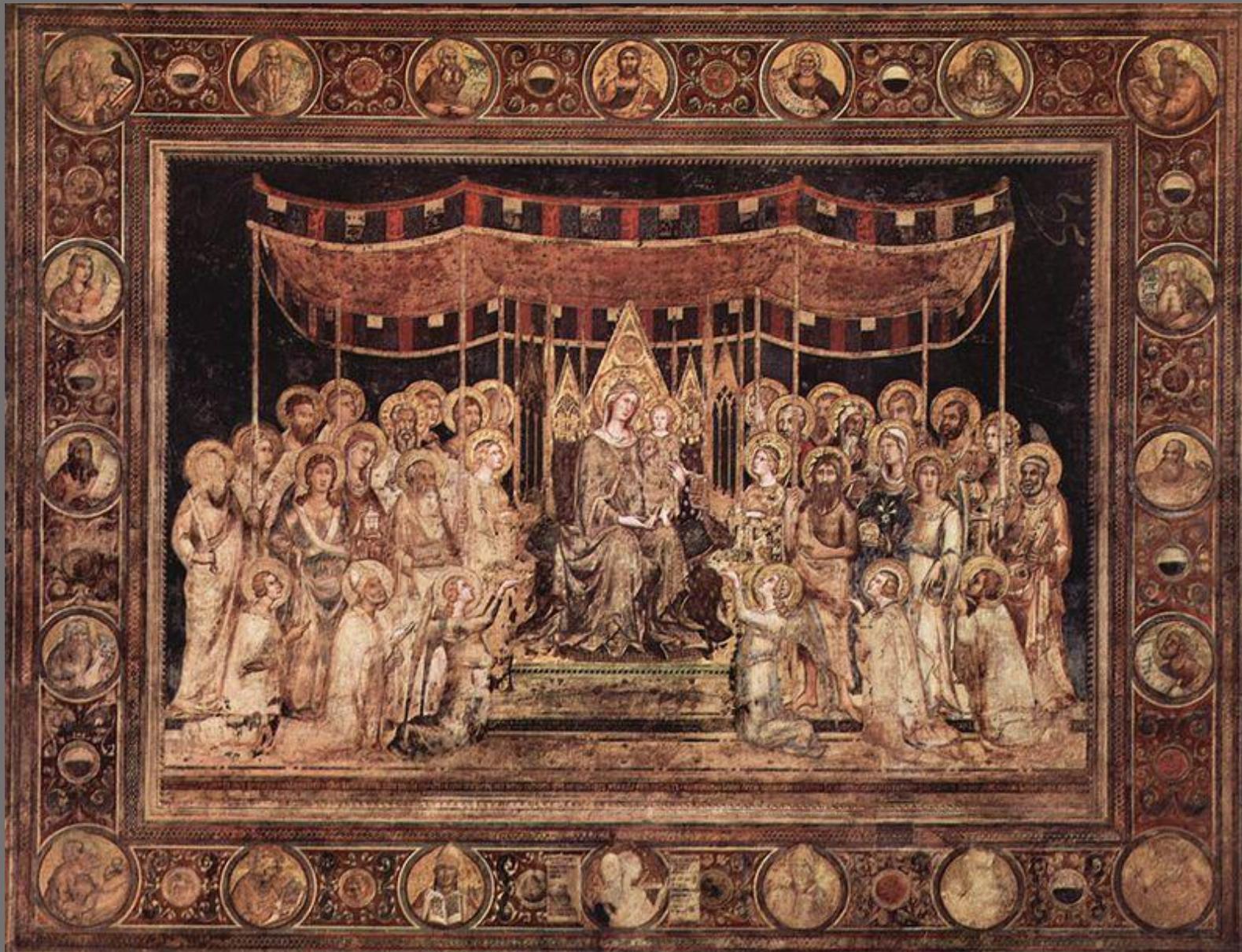
Simone Martini, Guidoriccio da Fogiani, assédio a Montemassi, 1328, Palácio Público de Siena.



Simone
Martini,
Anunciação,
1332.

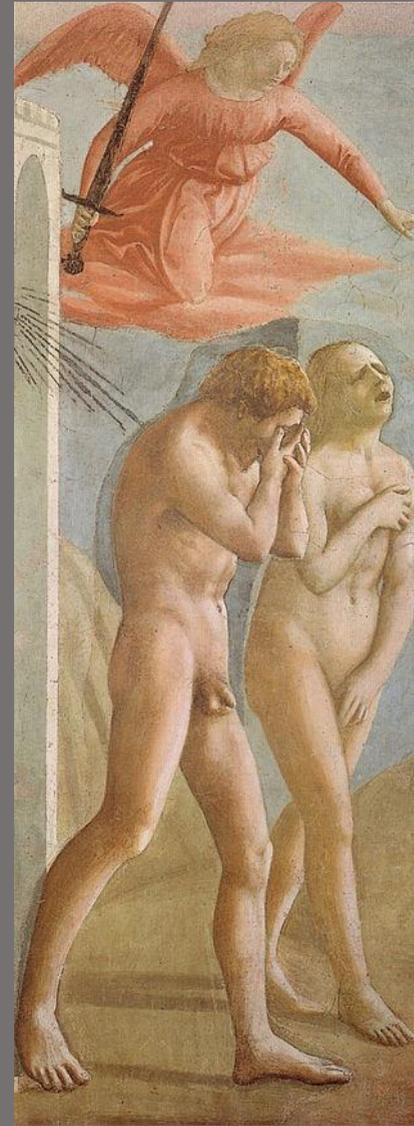


Simone Martini,
Cristo descoberto
no Templo, 1332.



Simone Martini,
Maestà, 1315,
Palácio Público
de Siena.

Masolino, Expulsão de Adão e Eva do Paraíso, (versões: anterior 1680 e restaurada 1980), 1426-28.



ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Este material é fruto de pesquisa documental e bibliográfica, parte das atividades docentes desenvolvidas na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul na qual atuo como professor no curso de Artes Visuais.

É produzido e editado por mim como Objeto de Aprendizagem, difundido como material de apoio pedagógico às disciplinas nas quais atuo, por meio de publicações no site:

www.artevisualensino.com.br

O acesso ao material é livre e gratuito. Qualquer pessoa ou instituição que sentir prejudicado por este material pode entrar em contato para dirimir qualquer dúvida.